



# Semanario alegre de critica ligeira

IMPARCIAL ORGAO DO BOM SENSO INDEPENDENTE

DIRECTOR-LITTERARIO  
RISO AMARGO

DIRECTOR-GERENTE  
RISO DOCE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Aurea, 149, 2.º — LISBOA

EDITOR  
Thomaz Rodrigues Mathias

Typ. do COMMERCIO DE PORTUGAL  
R. IVENS, 35

N.º 6

Domingo, 11 de Dezembro de 1898

I ANNO

## Entrevista n.º 2

**F**AGUNDES, sabendo que o conselheiro Importancias está no Ribatejo, dirige-se ao seu palacete e faz-se annunciar, como das outras vezes, á conselheira.

Em geral, Fagundes é recebido immediatamente, porque vae tratar de negocios particulares, e a conselheira não usa cerimonia com elle. D'esta vez, porém, esperou impacientemente umas boas duas horas, até que a respeitavel senhora lhe appareceu com o seu mais encantador e attrahente sorriso.

— Desculpe havel-o feito esperar este bocadinho, sr. Fagundes, disse ella, estava a contas com a esquadra ingleza...

— Oh! minha senhora, essa confidencia!...

— Ora! O Fagundes bem sabe que não teinho segredos para si, conbeci-o tão pequenino. Pois é verdade, não me passa a magua d'ella não ter vindo ao nosso formoso Tejo! E tenho estado á espera que saia do Canal de Suez, para não abandonar o conselheiro com instancias, até conseguir d'elle que me allivie d'este cuidado.

— Ah! agora entendo. Talvez a viagem de s. ex.ª ao Ribatejo se prenda com esse assumpto maritimo. E vocelencia faz muito bem. Olhe que a esquadra sempre deixa por ahi uma cabazada de libras, que fazem cá muita conta.

— Pois está bem de ver. Mas ao que vem por cá, seu Fagundes?

— Vocolencia sabe a maneira desabrida como o sr. conselheiro me tratou outro dia?

— Sei, sim! Não faça caso. Aquillo passalhe, elle, no fundo, é manso como um carneiro.

— Carneiro manso! Pois olhe, minha vene-

ravel senhora, outro dia estava bravo como um toiro.

— Salvo seja! Não desfazendo!... e a conselheira largou uma estridula gargalhada.

Fagundes teve um riso amarello, e continuou: — pois eu por saber que vocelencias agora estão indifferentes por causa d'aquella birra d'elle querer que o dia de S. Thomé calhe sempre á sexta feira... É verdade, sr.ª conselheira, disseram-me que um dos seus interessantes filhos escreve S. Thomé assim: (e arrancou do lapis garatujando n'um papel) Santo Mé.

— Ah! ah!... É verdade, é, Fagundes. É para fazer quillia ao pae, que toma a coisa por epigrama! Mas ainda me não disse ao que vem?

— Olhe, com franqueza, talvez fosse melhor deixar passar isso da esquadra ingleza. Com essa preocupação de espirito, vocelencia mal poderá attender-me. Eu vinha depois d'ella sahir do Canal...

— Não, não, Fagundes, sou muito curiosa, e já toda eu estremeço com vontade de saber o que o fez vir á minha presença.

— Pois, como disse, sabendo que as relações do sr. conselheiro para com vocelencia estão um pouco... frouxas, lembrei-me que vocelencia me poderia dar alguns esclarecimentos sobre os casos palpitantes...

— Então, decididamente, fez-se reporter! Não lhe invejo a sorte. Deve ser muito trabalhoso...

— A culpa é toda de vocelencia, que se tem esquecido de mim, toda entregue á esquadra. Ainda a ultima vez que a entrevistei, vocelencia me assegurou um logar na Inquisição do Rocio, como secretario do commissario regio, ou do gerente...

— Ah! sim! mas isso era com a condição de você ser reporter do *Echo da Moita*, bem sabe que o nosso paternal governo, que Deus man-

tenha em sua Gloria, não emprega um unico pretendente, que não tenha transitado por aquelle excelso periodico. Ora você foi-se lá metter com as orelhas de Gato, que não tem coração...

— Sempre espirituosa, sr.<sup>a</sup> conselheira, sempre espirituosa! Mas vocelencia não sabe que ha uma difficuldade espantosa em escrever n'esse sublime defensor do magnanimo governo, que nos rege, desde que se sabe ser isso condição *sine qua non* para se poder abiscoitar uma raçõesinha no Bodo do Estado?! Ora leia, vocelencia este annuncio.

Dá-lhe um jornal, a conselheira lê:

### 3:000\$000 de réis

Gratifica-se com esta quantia a pessoa que consiga garantir tres mezes de permanencia na redacção do *Echo da Moita*. O pretendente tem todas as condições exigidas: lê por cima e assigna de cruz. Sendo necessario arranja homem para ir *villegiar* ao Limoeiro Offerece ainda um casal de perus, sigillo e confiança, além da meação, durante seis mezes, no ordenado que ainfra em qualquer repartição do Estado, findos os taes tres mezes da lei.

Dirigir carta com as iniciaes, etc. . . .

— Oh! exclama enlevada a conselheira, não sabia d'isso! Mas é magnifico! E acredita muito o *Echo da Moita*! Olhe que tres contos são uma bonita quantia. Por esse preço...

— Ora, sr.<sup>a</sup> conselheira, dez deu ha tempos um americano a uma linda creoula só para...

— Que diz, Fagundinho, interrompe sobre-saltada a conselheira, dez!... Pois ha quem dê tanto?!...

— Ora se ha! Vocolencia nunca foi á America do Norte, esse grande e maravilhoso paiz, baluarte do progresso authentico?!...

— Não! e pôde crer, sempre tive desejo de lá ir... mas agora muito mais.

E ficou pensativa a conselheira, mesmo muito pensativa. Passados alguns momentos, Fagundes atreveu-se a perguntar:

— Sr.<sup>a</sup> conselheira, vocelencia digna-se finalmente dizer-me alguma coisa a respeito da prata, do balancete, da conversão, do...

— Não, não! Fagundes, hoje não... Decididamente, não posso deixar de ir, murmurou.

— Vá para um convento...

— Que diz vocelencia?

— Vá para o *Echo*, e volte depois... de resto, hoje tenho muita pressa... mesmo muita. Vou fazer as malas.

— Vocolencia parte?

— E hoje mesmo. Vou para a America!

— Assim esquece a esquadra ingleza?!

— Já me não importa; os meus nervos, quando falam, querem resposta prompta!

— Oh! sr.<sup>a</sup> conselheira, assim me despreza!

— Ora... ponha-se no seu logar, sr. Fagundes, e passe muito bem.

A conselheira desapareceu e deixou o Fagundes boquiaberto com outra *interview* gozada.

Ha duas e... nada!



Não nos podemos furtar á vaidade de declarar bem alto que somos os primeiros e unicos que lançamos á publicidade as primicias do mais conceituoso e espiritual volume que tem feito gemer os prelos modernos.

Affirmam-nos que é seu auctor o illustre professor de dança, sr. Justino Soares; esta declaração, porém, fazem-a com toda a reserva.

Chama-se o precioso monumento da maior critica da actualidade — *Coherencia Política*!

Pená é não podermos dar aos nossos leitores mais do que umas leves amostras. São falhas de florescencias de estilo, mas consubstancia-sas no miolo, o contrario do que por abi vulgarmente acontece: grandes lantejoulas a auri-luzir por fóra e miolo... vistel-o?!...

Eis um trecho:

«A *Coherencia Política* consiste em um integro caracter afirmar que retalhará a alguém o rosto com a trança d'um chicote e mais tarde ter esse mesmíssimo alguém como empregado de confiança; em se fazerem eleições pela mesmíssima lei que se ridicularizou e combatu acremente, quando se estava na opposição; em conservar como ministro em terras londrinas, quem se havia injuriado, quando se usava gravata encarnada; em engaiolar jornalistas por escreverem com mais suavidade do que o actual poder escrevia na passada opposição; em anichar todos os compadres, e todos os afilhados, e todos os redactores *nossos amigos*, quando em tempos idos se prégava parcimonia e economia, e até no proprio programma...»

Depois d'um *reclame* d'estes, esgotar-se-ha certamente em poucos dias a edição da *Coherencia Política*!

Assim seja! Para que aconteça ao livro o mesmo que ao assumpto de que trata.

E que o illustre auctor nos desculpe a indiserção.



Na vida nem todas as cousas são más... porque ha as pessimas.

## As minhas sogras

## MONOLOGO

Chamava-se D. Umbelina Rosa  
 Minha primeira esposa desditosa!  
 Genio macio como algodão em rama,  
 Amor como hoje em dia se não ama;  
 Uma alma de poeta scismadora:  
 Fazia versos ao romper da aurora,  
 E de noite fulgia-lhe a idéa,  
 Se na terra batia a lua cheia.  
 Ditoso fôra no consorcio amado,  
 Se, como o sol se torna ennevoado,  
 Negra nuvem me não annuveasse  
 O namorado e bonançaoso enlace.  
 A sombra, a nuvem, era a sogra horrenda,  
 Amante de bernarda e de contenda...  
 Caricia de Umbelina, um seu desvelo,  
 Damnava a velha, não podia vê-lo!  
 Emfim era um martyrio aquella vida,  
 Podendo ser tão calma e tão querida!

Um dia bafejou-nos doce aragem,  
 A sogra foi fazer uma viagem,  
 E sósinhos os dois em meigo arrulho,  
 Livres de zangas, livres de barulho,  
 Passavamos a vida alegre e deleitosa,  
 Ella a versejar, eu fazendo prosa.  
 Compunha os meus discursos inspirado,  
 — Eu já n'esse tempo era deputado —  
 Mas fosse por enguiço, ou por má sorte,  
 Quem m'os ouvia sempre era a consorte:  
 Não sei porquê, eu falo bem a sós,  
 Mas, perante a multidão, não ergo a voz.

Um dia dei ao genio livre curso  
 Ao proferir um funebre discurso;  
 D. Umbelina ouvia-me enlevada,  
 Dominando-a a lobrega toada,  
 Eu estava na verdade eloquente!  
 A meio do discurso, de repente,  
 Vi de Umbelina o olhar todo carinho  
 Embaciarse... e, como um passarinho,  
 Morreu! Soffri então dôr sem igual,  
 Na duvida de morte natural,  
 Ou por triste e cruel consequencia  
 Da minha provadissima eloquencia!...  
 Quanta vez n'isto scismo e parafuso,  
 Já quasi da rasão perdendo o uso!

Pois, senhores, d'aquelle extincto amor,  
 Por lembrança e gratissimo penhor,  
 Ficou-me a sogra, velha rabujenta,  
 De farto buço e cabelluda venta.  
 Quando ella fala, os perdigotos são  
 Tantos, que parece uma inundação!

O meu chapéu de chuva abro-o depressa,  
 Se o fio da lingua-lenga não empeça;  
 E previno os visinhos boquiabertos  
 Que abandonem os campos descobertos,  
 Que fujam para o Etna, ou Vesuvio,  
 Pois pôde sobrevir outro diluvio.

Que horror de vida a minha viveuz!  
 Como eu me revoltei, e quanta vez,  
 Contra o Destino e contra os seus mysterios...  
 E' que da sogra os rudes improperios  
 Tanto me torturavam, só de ouvil-os,  
 Que emmagreci talvez uns trinta kilos.

Depois, como a alegria me faltasse,  
 Resolvi contrahir segundo enlace...  
 Mas, por atroz acinte da desdita,  
 Outra sogra me veio, e que maldita!  
 Fala sem descançar horas inteiras,  
 Em cada phrase mette vinte asneiras,  
 E tem corda para uma eternidade!  
 Nem é mulher, é uma enfermidade.  
 Depois ligou-se á outra, á sogra antiga,  
 E as duas, qual d'ellas mais amiga,  
 Teem um só intento e um só viso:  
 Darem de todo volta ao meu juizo!

Mas já souo a hora da vingança,  
 Já tenho no futuro alguma esperanza;  
 Que, emfim, por padecer tão triste sorte,  
 Até cheguei a desejar a morte!

Deputado, mas pouco falador,  
 Um discurso massudo faz-me horror;  
 Nas camaras dou voto, se é preciso,  
 Mas sempre por extremo sou conciso:  
 Eu levanto-me e sento-me em seguida,  
 De que se annue, formula admittida.  
 Já tenho feito mais, com bem o diga,  
 E sem cansaço, emfim, e sem fadiga:  
 Se dos debates mais se incende a fragua,  
 Digo apoiado, e peço um copo d'agua.  
 E se acaso o calor da discussão  
 Me ferve o sangue e agita o coração,  
 Convicto digo, firme e sem cansaço,  
 Dois apoiados em bem curto espaço!  
 O continuo já sabe, e n'esse instante  
 Dá-me outro copo... assim como um calmante.

Mas hoje muda o caso de figura,  
 Sinto o vôo do genio, que fulgura,  
 E se expande em estos de valor,  
 Tenho um discurso aqui, que é um primor.  
 Palpita em mim extranha eloquencia,  
 E vejo que me cerca a imponencia,  
 Que Cicero ganhou na antiga Roma;  
 Se alguma phrase aos labios meus assoma,  
 E' toda distincção e atavios.  
 Aos grandes oradores, eu segui-os

Para me inebriar na inspiração  
 D'uma originalissima oração,  
 Cujos trechos mais grados, commoventes,  
 Não são meus, mas não teem precedentes;  
 São trabalhos de cunho, obras de vulto,  
 Que só de perfilhal-os eu exulto.  
 Para não ser banal é que eu imito  
 Os mestres, e os discursos bons repito.

O plano é vasto, a idéa é grandiosa:  
 Dar inteiro prazer, quando se gosa  
 O conforto que traz o casamento;  
 Conciso, mas fecundo o meu intento:  
 De todo aniquilar o eterno mal  
 Que ensombra a convivencia conjugal.

Derrubarei opiniões contrarias;  
 E' certo que desde epochas lendarias  
 Nunca tão sabia lei se promulgou,  
 Nem tanto mal d'um golpe se annullou;  
 E, sabia entre as mais sabias medidas,  
 Esta é bem simples: — sogras abolidas! —

Regra: «do orbe em toda a area immensa,  
 Sogras! sem dó, matal-as á nascença!»



## Nas ruas

Ha pequenas coisas que, para a vista experimentada de um estrangeiro, dão logo a noção exacta do nosso vergonhoso atrazo.

O passeio das vaccas leiteiras pelas ruas de Lisboa, — havendo, aliás, um grande numero de vaccarias, — com os pregões estupidos e monotonos dos conductores, é verdadeiramente deprimente e retrogrado. E ainda, como sobrecarga, a barbaridade dos leiteiros obrigarem os vitellos esqualidos, quando os uberes das vaccas estão quasi exhaustos, a dar ás mães a illusão da amamentação, afastando-os em seguida, para poderem mungir mais.

Mas, além de ser vergonhosa a exhibição d'estas miserias, certo é tambem que a fiscalisação não se pôde exercer tão efficazmente nas vaccas ambulantes, como nas outras.

Em Paris, onde a fiscalisação é cuidada, vem o leite de fóra de barreiras em carroças, acondicionado em pequenas garrafas de vidro, asseadas, tendo cada uma a mesma quantidade.

Evita-se assim um espectáculo repugnante, e a distribuição é rapida, limpa e garantida.

Mas em Lisboa ha mais e peor. Andam varias vezes por essas ruas bandos de patos á

venda; esses miseros palmipedes, sem condições algumas para grandes caminhadas, extenuam-se facilmente, e só á força de instigações, mais ou menos barbaras, se arrastam por ahí. Isto não é sómente uma selvageria, que a auctoridade devia impedir, é tambem uma injustiça, pois com equal direito e razão podiam andar tambem as gallinhas e outros animais a pé, em busca de compradores, dando a Lisboa o pittoresco aspecto d'um mercado geral.

Não fugiria muito da verdade, incluindo consciencias, e coisas correlativas.

Além de que, tudo isto difficulta o transitio. Inegavelmente, ha em Lisboa muito ainda a melhorar; assim correspondesse a boa vontade, d'aquelles a quem compete fazel-o, ás urgentes necessidades, que a imprensa dia a dia aponta.

Uma das coisas mais condemnaveis, e que Deus sabe quantos males tem produzido incongnitamente, é a conducção de doentes para os hospitaes em trens de praça.

Se fosse obrigatoria a desinfecção de todos os vehiculos, que conduzem individuos encontrados em estado de não poderem ir por seu pé, vá, mas não nos consta que tal aconteça.

Um policia encontra na rua um doente, convence-se de que é urgente a sua remoção para o hospital, chama o primeiro trem que passa, e esse doente, que pôde estar atacado d'um typho, de bexigas ou de outra qualquer doença contagiosa, é transportado. O trem, na volta, encontra um freguez, aceita-o naturalmente, e quaesquer germens de doença pôdem atacar-o e fazer mais um enfermo.

Ora, quando não possam empregar-se carros especiaes, devia, como medida preventiva, fazer-se uma desinfecção cuidada a todos os trens que conduzem doentes aos hospitaes.

Continuaremos a bradar até que nos ouçam... dia de S. Nunca!



Entre a calligraphia e o character do homem, ha a mesma relação secreta, que existe entre a physionomia e os sentimentos.



## Associação das Escolas Moveis pelo methodo JOÃO DE DEUS

Todas as pessoas que queiram cumprir o dever civico de proteger esta associação, a mais util e sympathica de quantas existem no Paiz, pôdem fazel-o, enviando os seus donativos, por uma só vez ou mensalmente, para o digno thesoureiro, largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º

## CONTOS

## O GROOM

I



UMA estouvada franceza, que prodigamente esbanjara o patrimonio, e que uma manhã morra

ta sobre o leito, entre uma profusão de odoríferas flores de magnolia, fôra quem mandára á viscondessa o apuramdo *groom*, rapaz dos seus dezoito annos, perfeito e *sympathico*. «Nada deixava no mundo que tanta saude

lhe causasse, como o seu precioso *groom*, um *bijou!* explicava ella á viscondessa, n'uma das cartas encontradas no seu *boudoir*, na fria manhã d'inverno, em que a bella parisiense trocou um futuro, mais ou menos incerto e auspicioso pela positiva rigidez da morte.

II

Chegado a Lisboa, o *groom* não desannueava nunca o alvo rosto, afogueado por umas sadias rosetas vermelhas e emmoldurado n'uns louros e finos cabelos.

Foi informada a viscondessa de que uma vivissima saudade por M.<sup>lle</sup> Amelie, atropiava a existencia do bello *groom*, e isso sensibilisou-lhe a alma generosa e delicada. Chegou a falar-lhe por vezes da desgraçada amiga, que uma allucinação fatal roubára aos seus affectos; «como ella teria feito melhor se tivesse vindo para a sua companhia.»

O *groom*, sempre grave, reconhecendo a humilde posição, respondia-lhe dolorosamente.

E a alma da viscondessa ia-se sensibilizando, e as conversas iam-se repetindo.

III

Em S. Carlos, por detraz dos leques, com umas ridadinhas mordazes — talvez de inveja — rostos lindos segredavam, quando a viscondessa entrava no camarote. Ia quasi sempre só, o marido acompanhara-a unicamente nos dois primeiros mezes de casado, depois seguiu a vida que levava em solteiro — libertinagem e devassidão. Não casara por amor, uma historia sabida afinal: um titulo e uma fortuna; o titulo quer o prestigio do dinheiro, o dinheiro o prestigio do titulo.

Sem inclinação, sem communidade de genios nem de gostos, quasi sem conhecimento, faz-se um casamento. Resultados inevitaveis: procura reciproca de distracções, visto cada um dos consortes não poder proporcionar ao outro senão o mais corleal e franco aborrecimento.

IV

Ora o visconde tinha uma particularidade, que chegava a ser ridicula. Emprehendia muito com os sonhos. Contava-os aos amigos, que lhe chamavam so-

nhador; para não o alcunharem de idiota, o que seria muito mais sensato.

Uns dois mezes depois de chegar a Lisboa o novo *groom*, notou o visconde que de manhã nunca se recordava de haver sonhado, tinha sempre sonhos pesados, profundos, inteiros. Deitava-se e não acordava senão de manhã, sem a menor recordação de haver devaneado pelos bizzarros paizes da chimera. E isto dava-lhe que scismar.

Uma noite em que, depois de se haver deitado, e, passado talvez uma meia hora de quietação, meditava ainda na fuga dos seus queridos sonhos, notou que a viscondessa se esgueirava surratamente do leito. Descerrou um pouco as palpebras, percebeu que ella o observava, e fingiu-se adormecido. Viu-a dirigir-se para o toucador, abrir uma gaveta, tirar um frasco, e espargir d'elle algumas gottas cautelosamente n'um lenço. Viu ainda a viscondessa abeirar-se d'elle, pé ante pé, pouco depois sentiu um cheiro forte e nada mais...

V

No dia seguinte, appareceu o visconde em casa pela uma hora. A viscondessa sahira. Foi ao quarto procurar o frasco, continha chloroformio. Substituiu-o por um liquido inactivo e collocou-o no mesmo logar e na mesma posição.

Não disse uma palavra á esposa. Sentia-se satisfeito por saber que lhe haviam fugido os seus queridos sonhos. Preoccupava-o contudo a extranha descoberta que fizera, e que tencionava desvendar totalmente n'aquella noite.

Effectivamente, repetiu-se a scena da vespera, com a differença de ficar o visconde tão acordado como antes estava. Depois de o julgar sem sentidos, a viscondessa sahio do quarto conjugal, tendo antes e apressadamente envergado umas roupas, agarradas ao acaso. Elle seguiu-a.

Atravessaram corredores, salas, desceram escadas. Fez prodigios para não produzir o mais pequeno ruido, até que a viscondessa chegou ao quarto do *groom*, e desapareceu.

Sabia tudo, o visconde. Que horrivel segredo!... Voltou ao quarto, cogitando uma vingança cruel, original, occulta!

VI

No dia seguinte, o visconde levantou-se taciturno. Findo o almoço, com um inconsciente, mandou chamar o *groom*. Quando o viu, sentiu um impeto colerico, ia atirar-se a elle, conteve-se. Não era amor á mulher, que o instigava, nem dignidade, nem vergonha; — bagatellas, que o visconde nem de leve conhecia. Elle sabia que qualquer, n'aquelle caso, se desaffrontava. Eis tudo, queria desaffrontar-se. De facto não se sentia bem, a comida a custo vingava transpôr-lhe os gorgonillos. Mas acalmou-se, era prudente.

Fixou o *groom*, nunca tinha attentado bem n'elle. Observou-lhe, pela primeira vez, o rosto alvo, as bellas rosetas vermelhas, os finos cabelos louros, a elegancia do corpo. Teve um sorriso indiscriptivel de sarcasmo, de ironia, e de desprezo. Disse-lhe uma futilidade qualquer, e que se retirasse.

A sós com a viscondessa, exclamou: «bonito rapaz este *groom*, gosto d'elle; é verdade, hoje recolho tarde, deita-te, não me esperes.» Ella atirou-lhe um «sim», cheio de tedio, lembrando-se que talvez não pudesse...

VII

Effectivamente, n'aquella noite, o visconde transpõe a porta da camara conjugal seriam duas e meia horas. A viscondessa dormia, o seu formoso corpo de es-

tatua fascinava, derramando pelo ambiente um perfume tentador, que despertaria a febre da lascívia no mais obstinado asceta.

O visconde olhou-a indiferente, lançou n'um lenço algumas gottas d'um liquido, que trazia n'um pequeno frasco, e fê-la aspirar o energico aroma...

Depois sahio do quarto e encaminhou-se para o do *groom*.

Todas as noites, invariavelmente, entrava o visconde nos aposentos, depois de estar adormecida a bella viscondessa, e repetia a mesma operação, depois da qual demandava o quarto do *groom*, onde se demorava algumas horas.

Que horrivel vingança infligiria ao *groom* o de-vasso visconde n'aquellas longas horas da noite?...

Mais tarde soube-se que o visconde tinha sido atraído, havendo até quem afañasse que fôra elle o proprio que propalara o escandalo.

Mas nunca ninguém soube que especie de vingança era a d'elle.



Noticiam as gazetas, que foi nomeado para um qualquer emprego publico mais um collega do órgão do governo, unico, é claro, que lhe allivia os dignos membros dos ataques da opposição.

Áparte os merecimentos pessoases, que não discutimos, do novo agraciado, é certo, pelo que se vae vendo, que a melhor recommendação para qualquer logar é o curso... do *Correio da Noite*.

Consta que de futuro os pretendentes procurarão sempre juntar ás certidões de vaccina, folha corrida, afilhadagem, compadrio, etc., etc., a de pertencerem ao nobilissimo quadro redactorial da honradissima folha.

Para alguém ser regalado  
No refeitório do Estado;  
Para poder abancar  
A' mesa do orçamento,  
Sem nenhum constrangimento;  
E para que a tal se afoite  
Com vantagem singular:  
Antes *Correio da Noite*  
Do que exame elementar.



Uma folha gracilmente incolor, dando conta das melhoras do ministro das obras publicas, atirou, rematando, esta linda phrase: «O medico assistente auctorisou para s. ex.<sup>a</sup> sahír de casa.»

*Auctorisou para* é um erro palmar, seu incolor das duzias. Ora dê cá a mão, tome lá meia duzia de palmatoadas, que bem podiam ser pátatoadas.

Arde-lhe? É pimenta.



— Viva, seu Riso Amargo, apesar de você me largar aquella bisca no ultimo numero do **Gato**, não lhe quero mal...

— Oh! sr. Furão, pois para mais é o seu brio! Então que me quer o illustre symbolo d'esta bella sociedade lusitana?

— Venho pedir-lhe uma arranhadela para um critico.

— Sempre ás ordens...

— Você viu o *Manelich*?

— Vi.

— E leu uma critica que terminava por dizer que a Falcão, pelo seu trabalho no desempenho da *Martha*, tinha direito a ser animada com o auxilio dos mestres e com a *benevolencia* da mesma Critica... com c grande?

— Tambem li, sim...

— Pois eu quero a sua opinião franca a respeito da benevolencia da critica... com c pequeno. Ora ahí está!

— Oh! Furãozinho, ella ahí vae: Maria Falcão é uma actriz modernissima em comparação com Rosa Damasceno, que fez o mesmo papel; contudo, ultrapassou e muito a illustre e antiga artista. Bem sei que o papel de *Martha* não está no genero d'aquelles a que melhor se adapta o talento de Rosa Damasceno, mas esta tinha a seu favor o largo tirocinio e todo o auxilio dos mestres. Quanto á benevolencia da critica, isso é uma phrase óca, filha do rico meio em que vivemos e talvez tambem do character portuguez, evidentemente propenso á escravidão. Ora como não ha escravos sem senhores, resulta logo essa monomania de superioridades protectoras — genuinamente ficticias, em todo o caso — que todos os criticos se arrogam. Mas basta dizer-lhe isto, sympathico Furão: onde ha merecimento proprio e porfiado trabalho, dispensam-se, quando não se desprezam, as *benevolencias* da critica.

— Pois sou da sua opinião, seu Amargo.

— Ainda bem que tenho um genuino homem do nosso tempo a concordar commigo. Sabe o senhor que eu discordo sempre dos homens do nosso tempo, que, como o senhor, arranjam carteiras por portas travessas.

— Lá me está você a dar com balda certa!

— Pois bem, não se amofine e concordemos, ao menos n'isto: a *benevolencia* da critica no caso sujeito, bem como em todas em que o verdadeiro talento se manifesta, é ridicula, para não lhe chamar outra coisa.

Tá, tá, tá! Você com esse calor... Dar-se-ha o caso?...

— Ora, sr. Furão, para isso era preciso que eu fosse tão pulha como o cavalheiro.

# O DIABO COXO

## ROMANCE DE LE SAGE

(Continuado do numero 4)

### III

#### Onde o Diabo Coxo leva o estudante, e primeiras coisas que lhe mostra

Asmodeu não tinha exaltado sem motivo a agili-  
dade de que dispunha.

Fendeu o ar como uma frecha, despedida com vio-  
lencia, e n'um prompto alcançou a torre de S. Salva-  
dor.

Assim que chegou, disse ao companheiro:

— Ora, muito bem! sr. Leandro, quando se diz de  
um vehiculo mau, que é levado do Diabo, parece-me  
que se falta á verdade.

— Decerto, respondeu delicadamente Zambullo.  
Posso asseverar que é um meio de transporte mais  
suave do que uma liteira, e ainda por cima tão velo-  
z que não dá tempo de ninguem se aborrecer no cami-  
nho.

— Sem duvida! Mas aposto que não sabe porque  
motivo o trouxe aqui? Quero mostrar-lhe tudo o que  
se passa em Madrid, e como desejo começar por este  
bairro, não podia escolher local mais adequado para  
a execução do intuito. Graças ao meu poder diaboli-  
cio, vou tirar todos os telhados das casas, e, apesar  
das trevas da noite, tudo que dentro d'ellas occorre, se  
patenteará claramente aos seus olhos.

Ditas estas palavras, limitou-se a estender o braço  
direito, e immediatamente todos os telhados desappa-  
receram. Então o estudante viu, como se fosse meio  
dia, o interior das habitações, da mesma fórma como  
se vê o interior d'um pastel, ao qual se tira a parte  
superior. Era o espectáculo demasiadamente novo,  
para que não attrahisse inteiramente a attenção de  
Zambullo.

Espirou a vista por toda a parte, e a diversidade  
dos espectaculos, que o cercavam, tinha mais do que  
o sufficiente para lhe occupar, durante muito tempo,  
a curiosidade.

— Sr. D. Cleophas, disse o Diabo, essa confusa  
multidão de coisas, que contempla com tanto agrado,  
é na realidade muito interessante, mas não passa d'um  
divertimento frivolo. E preciso que eu o torne util, e,  
para que tenha um conhecimento perfeito da vida hu-  
mana, quero explicar-lhe o que fazem todos esses in-  
dividuos, que está vendo. Vou revelar-lhe o motivo de  
tudo o que praticam, e patentear-lhe os mais intimos  
pensamentos que os preoccupam. Por onde havemos  
de começar? Observemos, em primeiro logar, n'esta  
casa á minha direita, esse velho que conta moedas de  
ouro e prata. É um burguez avarento. Apanhou a car-  
ruagem, que possui, por pouco mais de nada, no in-  
ventario d'um alcaide da corte, atrela-lhe duas mise-  
randas mulas, que estão na cavallaria, e que sustenta  
segundo a lei das Doze Taboas, isto é, dando a cada  
uma uma escassa ração diaria de cevada; trata-as co-  
mo os Romanos tratavam os escravos. Ha dois annos  
que regressou das Indias, carregado de barras de  
ouro, que trocou por moedas. Admire esse velho idio-  
ta. Com que satisfação elle namora as riquezas! não  
se farta! Mas não deixe de prestar attenção ao que  
se passa n'um compartimento pequeno da mesma casa.  
Não vê dois rapazes com uma velha?

— Vejo, respondeu Cleophas. Parecem filhos d'ella.  
— Pois não são, respondeu o Diabo, são sobrinhos,  
seus unicos herdeiros, que, impacientes por dividirem  
entre si o que ella lhes deixou, mandaram chamar oc-  
cultamente uma bruxa, para que lhes prediga, quando  
a tia morrerá. Agora distingo eu na casa ao lado d'es-  
sa, duas scenas graciosas. Na primeira figura uma *co-  
quette*, que já não é nova, a deitar-se, depois de ter  
tirado a cabelleira postiça, as sobranceiras e os den-  
tes, e de ter posto tudo em cima do fato; na segunda,  
vê-se um conquistador sexagenario, que regressa de  
uma aventura; já tirou um olho e o bigode, bem como  
o chinó, que lhe occultava a calva. Espera o criado,  
que lhe ha de tirar um braço e uma perna de pau,  
para se metter depois na cama com o pouco que lhe  
fica.

— Se não me enganam os olhos, disse Zambullo,  
vejo n'aquella casa uma perfeita e gentil rapariga.  
Tem um ar gracioso!

— Pois amigo, respondeu o Coxo, essa viçosa bel-  
dade, que tanto admira, é a irmã mais velha d'esse ga-  
lanteador, que se vae deitar. Póde dizer-se que é o  
par da *coquette* edosa, que habita com ella. Toda  
aquella elegancia, que o senhor contempla, é producto  
da industria e não da natureza. Peito e ancas são ar-  
tificiaes; ainda não ha muito tempo que indo á egreja  
ouvir um sermão, lá lhe ficaram as nadegas. No en-  
tanto, como se dá ares de donzella, ha alguns mance-  
bos galanteadores, que entre si disputam a sua posse,  
e já chegaram até a brigar por causa d'ella. Taes ar-  
rebatados lembram dois cães á bulha por causa d'um  
osso. Ria agora commigo d'aquelle concerto, que se  
faz ouvir, alli, n'aquella casa burgueza, depois d'um  
jantar de familia. Tambem ha canto. Um jurisconsulto  
velho, compoz a musica, e o libretto é d'um aguazil,  
que se finge delicado, um presumido que faz versos  
para prazer d'elle e supplicio dos outros. Uma gaita  
de folles e uma espineta são os instrumentos da orches-  
tra. Um arganz, cantor de egreja, com voz fina, faz  
de tiple, e uma rapariga, com voz grossa, canta de  
baixo.

— Oh! que coisa tão ratona! exclamou D. Cleo-  
phas, rindo: quando algum pensasse em dar um con-  
certo ridiculo, não poderia arranjar melhor.

— Lance agora os olhos para aquelle magnifico  
palacio, continuou a Demonio; ha de ver um hidalgo  
deitado n'um esplendido quarto. Tem junto d'elle um  
cofre cheio de cartinhas de amor. Lê-as para adome-  
cer voluptuosamente, porque são d'uma dama, que  
elle adora, e que o obriga a taes despezas, que o le-  
varão em breve a requerer um logar de vice-rei. Tu-  
do está tranquillo n'aquelle palacio, tudo descança  
alli; em compensação, porém, ha o maior movimento  
na casa visinha, á esquerda. Não distingue lá uma  
mulher deitada n'um leito de damasco vermelho? É  
uma dama da sociedade, D. Fabula, que acaba de  
mandar chamar uma parteira, porque em breve dará  
um herdeiro ao velho Torribio, seu esposo, que o sr.  
vê junto d'ella. Não lhe agrada a sollicitude d'aquelle  
marido? Os gritos da cara metade penetram-lhe na  
alma; está varado pela dor; padecer tanto como ella.  
Com que cuidado e com que desvelo se apressa a soc-  
correl-a!

(Continúa.)



Quasi todos os jornaes noticiam a grande concorrência de publico, que afflue ao Campo Grande, principalmente ao domingo. Um collega até em verso e com bastante graça, por signal, descreveu o facto.

Nenhum, porém, que o saibamos, reclamou energicamente e com a urgencia que o caso reclama, a extincção da miasmatica valla, aberta do lado occidental, n'uma extensão de algumas centenas de metros, d'onde se expandem myriades de microbios, geradores de todas as doencas.

As pessoas que ao domingo procuram aquella aprasivel estancia, a maior parte das quaes, durante a semana, vergam ao peso de labutações fatigantes, e esperam anciosamente o *sestimo dia*, não só para descansarem, mas principalmente para encherem os pulmões com um ar oxigenado e puro, são vilmente enganadas n'esse proposito, sobretudo, quando percorrem a ala occidental do formoso parque.

Sabemos que clamamos no deserto. Se o Campo Grande fosse *nosso amigo*, afilhado, ou simples galopim eleitoral, ou morasse por alli qualquer sujeitinho d'estes, já tudo estava de ha muito saneado. Assim, que o pobre contribuinte vá comprando caro o seu bilhete de viagem até á Eternidade, para onde os não ha de ida e volta.



## RECLAME AMERICANO

Um dos mais arrojados fabricantes de papel da vigorosa republica norte-americana, tendo comprometido todos os haveres no fabrico de papel imitante ao chinéz, e não encontrando compradores para o enorme *stock* que possuia, annunciou por todas as grandes arterias de New-York, Chicago, Boston e outras importantes cidades, o novo papel *Mascotte*, cuja origem secreta explicava nos seguintes termos:

«Havia na California uns empregados infeis na officina em que se fabricam as notas minims representativas de moeda, empregados que em vez de queimarem a totalidade das notas, que para tal fim lhes confiavam, queimavam sómente parte d'ellas, e faziam entrar novamente no mercado grande quantidade do papel-moeda velho e sujo, que havia sido condemnado ás chammas.

O povo, sabedor do ignobil roubo, explicou então a si proprio como aquelles funcionarios, que haviam começado pobres no exercicio das suas funcções officiaes, sem nunca haverem auferido ordenados que lhes permitissem hombrar com os ricos, e não tendo recebido heranças, ou coisa semelhante, conseguiam comtudo accumular fartissimos cabedaes, morar nos principaes *boulevards*, gastar rios de dinheiro, etc., etc., etc.

A nobre indignação do povo americano, fozoso e cheio de impetos justiceiros, não conhece dikes, e pouco depois de descobrir a fraude, foram os seus auctores sentenciados a soffrer o que haviam poupado ás notas.

Queimados vivos os dois ou tres conniventes na maroteira, foram suas cinzas arrematadas, bem como as de todas as notas sebetas, que sem omissões foram consumidas pelo fogo, por \*\*\*, que as empregou na nova marca de papel *Mascotte*»

Depois de assim explicar a origem do papel, espriava-se o fabricante em provar a efficacia do seu producto original, sobretudo para conseguir fazer triumphar todas as operações financeiras, que por intermedio do dito papel se pactuassem.

Moralidade: o fabricante vendeu todo o papel que possuia, e pregou um susto formidavel a certos traficantes publicos da sua terra.



Continuamos a publicar com prazer, e agradecemos, as referencias de mais alguns amaveis collegas:

**Alma Nova** (Santarem).—«O Gato.—Recebe-mos a visita d'este novel collega da capital, com uma prosa fina e rendilhada e versos onde a *verre* esfusia alegre e viva.

Este bello semanario, graciosamente redigido, be-lisea os acontecimentos com a presteza e vivacidade peculiares á *raça felina*...

Viva o Gato, por longos annos.»

**O Districto de Leiria**.—«O Gato.—Principiou a publicar-se em Lisboa este novo collega de critica alegre e ligeira. Como gato que é, não póde deixar de arrannhar de vez em quando, mas sempre como o gato... com mãosita graciosa.»



**CHAT NOIR** — Tous les soirs  
CONCERT

Para assignar O GATO basta enviar d' Rua do Ouro, 149, 2.º, um postal, indicando nome e morada; elle lá irá miar á porta.